

O BICUDO BALELA

Pelos idos dos anos 80 possuía a bicuda **Capitã Gancho** que havia vindo de Araguari, trazida por Sineide Guarino junto com o Bicudo Bunda-Roxa. A informação era que ela tinha provavelmente sido coletada pelos lados de Vazante MG - segundo disseram à época - no mesmo brejo do Sobe-e-Desce. Parecidos pelos menos eles eram, o mesmo tipo físico. Ela tinha esse nome porque lhe faltavam pedaços de dois dedos do pé esquerdo, trauma que sofreu quando chocava em viveiro com essa horrível tela de sextavada de pintinhos. Porém, a deficiência em nada atrapalhava seu comportamento. Valente, enorme e do bico branco, cabeça chata, "sonho de consumo" de quase todos que a conheciam. Tinha um grande problema, apesar de histórico de excelente chocadeira, não era qualquer macho que tinha a coragem de galá-la.

Na casa de Santiago onde esteve emprestada para chocar "a meia" não deu certo. Lá não tinha jeito mesmo, com todo respeito que merece a sua memória. Pregou o pau nos bicudos e nos foi devolvida, dizia ele: "*não dá, não tem bicudo que gala, ela é brava demais e pode até matar os bicudos*". Bom, então, ficou durante algum tempo lá no Lago Norte, na "Academia do Lago", origem da Lagopas - o lago dos pássaros -. Acompanhava o bicudo **Bordado** - o Bunda-Roxa - em suas apresentações nas rodas de fibra a viajar de Kombi pelo Brasil afora.

Depois de algum tempo o Chico Bernardes - Chico do Ônibus - me disse que "*dava contd*" de gala-lá e que tinha um bicudo do General Oliva o "**Canuto**" que era um *Magnirostris*, vindo do Norte do Brasil, muito valente e cantador. Observando o pássaro, realmente dava para perceber muita aptidão para a fibra. Cantava bem de cara, era realmente diferenciado. Aí, concordei em levar a **Capitã Gancho** de novo para tentar tirar filhotes, dada a sua excelência.

Em seguida, boa notícia o Chico me telefonou e disse: "*consegui galar a bicha, deu certo*". Ótimo, passado alguns dias fui lá ver, havia nascido apenas um único filhote. Fiquei contentíssimo, o Chico havia me ofertado: "*esse é seu, na próxima choca fico com o outro para compensar*".

Muita alegria. Daí alguns dias precisava anilhá-lo - já havia a exigência da anilha fechada -. Eu nunca tinha feito isso, o Chico também não. Tentei e não consegui passar a anilha. Por azar, o Toninho Goiano, estava por perto e disse: *"deixa comigo, sei fazer e muito bem"*. Embora toda a sua boa vontade, ele o fez da pior forma, torceu o dedo de trás do pé esquerdo e aleijou o filhote. Passado alguns dias quando fui a Taguatinga ver como estava o pássaro, para minha indignação ele estava realmente com o dedo de trás do pé esquerdo torto e defeituoso. Ao observar aquilo, fiquei muito contrariado e revoltado. Disse ao Chico *"pode ficar com ele, não quero o bicho desse jeito. Faça bom proveito"*. A **Capitã** entrou em muda e não quis chocar mais.

E o tempo passou. Seis meses depois Paulo Roberto, o "Carioca" me falou: *"estou com um bicudo pardo das suas fêmeas que é ótimo, repete e canta goiano limpinho"*. Não dei nenhuma importância, sabia lá, quem seria: do Santiago, talvez. Pois havia bicudas minhas com o Santiago, Jorginho e Chico Bernardes.

Bom, passado algum tempo, marcamos o primeiro torneio de qualidade de canto de bicudos para um sábado na sede da ACPB na 907 Sul, da qual era presidente, na oportunidade. Fui bem cedo para lá para ajudar nos preparativos do evento. Sentei-me numa cadeira ao lado do juiz, se não me engano o Dr. Barbusse.

Daí um pouco, iniciado o torneio, o Carioca veio com um bicudo encapado e perguntou *"agora é minha vez?"*. Sim era a vez. Aí ele desencapou o bicho. Para minha surpresa, parecia que estava vendo a **Capitã**, fiquei meio atônito. Igualzinho, até o bico branco e a mesma postura e jeitão. Pendurou e se dirigiu a mim: *"chupa essa manga"*, gozador como era, coisa de carioca, rssss. Mas não foi para rir não, quase chorei, depois. O bicho começou a cantar. Na primeira deu mais de trinta cantos, começou no "gogó" e foi levantando o canto, sem errar notas e dividindo com risada. Sempre tremendo as duas asinhas, cantou a segunda vez mais 35 cantos e assim foi até fazer dez minutos. Fiquei, pasmado, boquiaberto, espantado e com a maior cara de bobo.

Essa cena não me sai da cabeça. " *Tá vendo, desprezou o bicho só porque ele tinha um pequeno defeito no pé! Toma!*". Eu com a cara de idiota e a turma toda me gozando. Em especial, o Carioca e o Salazar que havia acabado de comprá-lo por uma fortuna. Foi batizado naquele momento de "**Potoca**" uma alusão a si próprio que gostava de falar demais e muito alto. Tive que chupar a manga, fazer o quê? No entanto, esse foi só o primeiro momento.

Daí em diante, quando se falava em bicudo o **Potoca** tinha que estar na conversa, o fato de tremer as duas asas quando ao cantar encantava a todos. Realmente espetacular. Cada vez mais famoso foi enfim, comprado pelo Daniel Lemos que o colocou na casa do Wilson Mineiro para tirar filhotes aproveitando sua excelência na repetição. Ia muito à casa de Mineiro que era meu conterrâneo de Manhuaçu MG, e ficava lá no sofá, tomando café e de rabo olho admirando o bicho. Não dava para adquiri-lo, muito valorizado. Alguns filhotes foram tirados, mas pelo jeito morreram, não se sabia direito cuidar de pássaros jovens, a coccidiose matava quase todos.

Passado quase um ano veio a notícia o Chico de Sobradinho comprou o **Potoca**, já preto, mas com algumas penas ainda pardas. Logo me ligou e disse: "*vou desbancar o **Batuque**, no primeiro torneio de fibra vou colocar do lado e quero ver!*" Pensei: tá ficando doido, colocar do lado do bicudo mais agressivo que já apareceu até hoje no sentido de desafiá-lo. Vai amofinar o bicho e estragá-lo. Chico dizia isso porque em pequenas rodas que havia à época o **Potoca** dava show, tremendo as asas cantava muito e repetindo até vinte vezes.

Aí, veio o choque para mim, primeiro torneio do ano em Taguatinga no Clube Primavera. Coloquei o **Batuque** e distraidamente fiquei ali conversando com os companheiros. Tinha presente que quase todos fugiam de colocar bicudos perto do campeoníssimo porque era "caixão". Difícil agüentar, precisava ser muito bom e calejado. A maioria "miava". Em seguida, quase oito horas lá vem Chico com **Potoca** com ainda algumas penas pardas e o coloca do lado. Entrou cantando na surdina e tremendo as asas para os adversários. **Batuque**, em resposta, logo começou com seu costumeiro comportamento: vindo à grade todo arrepiado dando

aquele seu *quenquém* característico e despejando canto e virando de costas em seguida. E assim foi até por perto de 11 horas.

Implorei ao Chico para tirá-lo do arrocho porque iria acontecer a intimidação do bicho e ele ficar daí para a frente **traumatizado** com a roda. Ainda bem que o Chico, num momento de lucidez resolveu tirá-lo. O **Batuque** já estava nos seus quase quatro anos de experiência, engolindo o **Potoca**. Mas mesmo assim, percebi a qualidade de guerreiro dele. Na minha cabeça ficou mais uma vez o pensamento: "*sou um idiota, como pude desprezar esse maravilhoso pássaro*".

O tempo passou infelizmente o amigo e companheiro Chico se foi, vítima de uma violência sem par, morto que foi por um seu protegido. Pensei!!!, "*agora seria a hora de pegar o Potoca com a viúva*", mas ela queria caro. Aí, na minha indecisão, o Celso Neves foi mais rápido, comprou o bicho. Todavia, logicamente a fêmea tinha sumido. Ela era um aborto e isso é fatal para um bicudo novo: afastá-lo de sua fêmea. Não estava aprontando bem na mão do Celso, percebi que ele não estava satisfeito com o nosso enfocado.

Jeito não tinha de comprá-lo, a faixa de preço muito acima de minhas posses. No dinheiro não havia como. Bom, aí veio a ajuda "**Do Lá de Cima**". Meu bicudo **Branquinho**, filho de **Estilingue**, estava dando o que falar. Muitos primeiros lugares e sempre com um bom desempenho. O havia comprado por uma bagatela do amigo Roberval. Fomos então ao torneio em Barra do Garças MT, na volta meu carro quebrou, queimou junta de cabeçote e fundiu o motor. Teria que gastar um dinheiro para levá-lo até Brasília e consertá-lo. Para minha surpresa, encontrei na viagem o Celso Neves perto de Morrinhos GO. Ele disse: "*quer dispor o Branquinho, rindo? Dou o Potoca, o Ping e conserto o teu carro.*" Dito e feito fizemos o negócio. Bom para ele que foi campeão várias vezes com o **Branquinho**.

A felicidade foi muita, consegui pegar o **Potoca** e também o **Ping** - filho da Paraguaia - criado na surdina pelo Santiago, que foi mais tarde para o Paraná na mão de Pité com o nome de **Pirulito** pai do Rio Branco, campeoníssimo de flauta com repetição. Quer dizer, com todo respeito ao **Branquinho** a troca foi vantajosa

para mim. Sentia-me, recompensado agora com bicudos filhos de minhas excelentes bicudas a **Capitã** e a **Paraguaia**.

Já virando o ano, mudei seu nome de **Potoca** para **Balela**, - minha mania do "b" . Ficou do bico preto, de bom tamanho e muito manso, atacava a mão no momento do trato. Acasalei o bicho direito e participei no ano de 89 de 23 torneios onde ele se classificou em todos. Naquele que deveria ter tirado primeiro lugar em Monte Alegre de Minas, foi travado por um companheiro de Brasília que o marcou tirando dois cantos a cada cantada de quatro ou cinco. Fiquei indignado, mas não tinha jeito de fazer nada. Na roda repetia menos. Bem, minha intenção com ele não era roda queria simplesmente torná-lo um galador em meu projeto futuro de montar um criadouro assim que pudesse aposentar daí pouquíssimos anos.

E assim aconteceu, mudei para Ribeirão Preto e montei um o Criadouro Lagopas e o **Balela** era um de nossos carros chefe. Começou a funcionar em 94 e uma das primeiras ninhadas foi o cruzamento de **Balela X Fininha** - vinda de Campo Grande do Antonio Cursino -. Daí nasceu uma ninhada de três, **Olé**, **Olaia** e outro que ainda pintado por manejo incorreto de Célio Elias que o levou da Lagopas com uma capa preta, mudando-o de gaiola naquele momento. Aí, o bicho assustou-se e debateu-se até vir a óbito, lastimável.



Olé - Foto (Dr. Drumond)

Olé se tornou um campeão na mão de Batista oito primeiros lugares ainda pintado. Passava na roda até um minuto e meio cantando no gogó, tremendo as asas como o pai, um verdadeiro espetáculo. Passado ao Dr. Drumond de Petrópolis, **Olé** lá não fez boa figura, não chegou a ser um grande destaque, embora tenha ganhado alguns torneios. Ora, ficava em Petrópolis RJ, num quartinho pequeno e frio junto com quatro outros bicudos de destaque. Assim, não há bicudo de fibra que agüente. Lamentável, ver um bicudo com aquele potencial ser capado pela má condução. Aí, pior, com o falecimento do amigo Drumond, ficou alguns anos por lá, tratado por gente que não entende direito de manejo, esquecido e sem participar de nada. Para mim, no entanto, ficou a prova evidente que o **Balela** era um bom raçador. Vejam, graças ao trabalho do LUIZ ROBERTO BARRETO MOTTA PAES, o link dele do **Olé** agora já com 15 anos: <http://www.youtube.com/watch?v=G9o6T-mDOZ8>.



Depois disso, tirei o **Badalo** com a filha do **Balinha** a **Sininha**, presenteie, ainda filhote, ao Marcilio Picinini que depois de algum tempo, por causa de seu canto ruim, à época, foi passado de mão e foi parar em Foz de Iguazu PR, consegui reintegrá-lo ao plantel através do amigo Tanamati. Hoje está em plena atividade produzindo ótimos filhotes. Aqui está o link de um vídeo seu: <http://youtu.be/4aW1CMIBlqY> Também o **Batepau**, irmão inteiro do **Olé** e da **Olaia** - excelente repetidor - que foi campeão nacional de canto altamogiana com repetição. Que também está como galador produzindo filhotes diferenciados, veja sua excelente performance no vídeo disposto no link: http://www.youtube.com/watch?v=vblvmmM_Qgw ; Para não se esquecer da **Olaia**, hoje com 18 anos mãe de mais de trinta filhotes, embora tenha problemas no trato, perdi alguns dela



porque tem o costume de bicar os filhotes a partir do 3º dia. Vem chocando sem parar nestes anos todos. Vejam o link do Olézinho, filho de Olaia, hoje de Thales Rezende Júnior: <http://www.youtube.com/watch?v=C6r6Xwg3asE> . Temos que registrar também a bicuda Baleska (Balela X Chega), a Chega filha do campeoníssimo Blitize (Ministro X 17), mãe de muitos belíssimos pássaros de uma espetacular genética.

Bom, o final foi feliz. Aquele bicudinho defeituoso e desprezado agora tem dezenas de descendentes de altíssima qualidade graças a possibilidade do uso sustentado e da efetiva criação doméstica de pássaros diferenciados. Neste caso, minha intuição estava certa, quando adquiri **Balela** o pensamento que veio a minha cabeça era seguir nessa linhagem porque a Capitã-gancho era, sem dúvida, reconhecida por todos os criadores lá de Brasília, como uma das melhores bicudas que se tinha conhecido. Moral da história, a balela, a potoca neste caso é uma verdade verdadeira representada nessa estória do saudoso e fabuloso **Balela**. Em suma, esse **Potoca** ou **Balela** não é mentira, deixou rastro!!!!!!



Aloísio Pacini Tostes Bonfim Paulista Ribeirão Preto SP

Multiplicar para Conservar